

IMAGINÁRIO COLETIVO SOB AS PALAFITAS DO DIQUE DA VILA GILDA

MARIANA BOCAIUVA RIBAS

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo identificar os principais elementos que compõem o imaginário coletivo dos moradores do Dique da Vila Gilda – a maior favela de palafitas da América Latina (que abriga 20 mil pessoas), na Zona Noroeste do município de Santos, litoral do Estado de São Paulo. O imaginário é composto da massificação de significados gerados, sobretudo pela mídia hegemônica, para temas do cotidiano local como "violência", "lixo" e "políticas públicas", por meio de entrevistas e de produções artístico-culturais dos moradores locais, assim como refletir sobre a produção jornalística sobre o bairro. Agrega-se à pesquisa o aprofundamento de estudos sobre a temática do imaginário com base em obras de teóricos sobre o tema. Dessa forma, será possível contribuir para o desenvolvimento dos veículos de comunicação propostos pelo Projeto "Redic" (Rede de Informação Comunitária) levado a cabo pelo o grupo de pesquisa "Mediações Telemáticas" (Mediatel), do curso de Jornalismo da PUC-SP, para a comunidade do Dique da Vila Gilda. O Redic tem o objetivo de criar e manter dois veículos de comunicação comunitários locais: um informativo digital intitulado "Jornal da Maré", uma Radio web Comunitária, com o nome de "Rádio Palafita".

Palavras-Chave: Imaginário, Imagem, Imaginação, Memória Coletiva.

RESUMEN

La investigación tiene como objetivo identificar los principales elementos que constituyen el imaginario colectivo de los vecinos del Dique da Vila Gilda – la más grande chavola sobre pilotes en América Latina (viven allí 20 mil personas), en la Zona Noroeste de la ciudad de Santos, en litoral del Estado de São Paulo. El imaginario se compone de la masificación de significados generados, sobre todo por los medios hegemónicos, para temas cotidianos locales como la "violencia", la "basura" y las "políticas públicas", a través de entrevistas y producciones artístico-culturales por parte de los vecinos, así como reflexionar sobre la producción periodística sobre el barrio. A la investigación se añaden estudios en profundidad sobre el tema del imaginario, basados en trabajos de teóricos sobre el tema. De esta forma, se podrá contribuir al desarrollo de los vehículos de comunicación que propone el Proyecto "Redic" (Red de Información Comunitaria) que lleva a cabo el grupo de investigación "Medios Telemáticos" (Mediatel), del curso de Periodismo de la PUC-SP, para la comunidad de Vila Gilda Dike. Redic tiene el objetivo de crear y mantener dos vehículos de comunicación comunitaria local: un boletín digital titulado "Jornal da Maré", una Radioweb Comunitaria, con el nombre de "Rádio Palafita".

Palabras clave: imaginario; imagen; imaginación; memoria colectiva.

INTRODUÇÃO

O foco inicial deste projeto de Iniciação Científica é compreender e identificar os elementos que compõem o imaginário coletivo dos moradores do Dique da Vila Gilda, criado a partir de sua própria condição de comunidade considerada a maior favela de palafitas do Brasil, a maior favela sobre palafitas da América Latina, localizada ao longo da margem do rio dos Bugres, sobre “Área de Preservação Permanente (APP)”, em Santos, litoral do Estado de São Paulo.

Por meio do reconhecimento do patrimônio simbólico do bairro, obtidos por relatos e produção artístico-cultural, será possível traçar uma relação entre o contexto de exclusão social e a construção de identidade e saberes comuns. Esses apontamentos serão relacionados com universo simbólico e as imagens representacionais com a produção jornalística da imprensa hegemônica e comercial da região.

Dessa forma, a pesquisa contribuirá para o desenvolvimento do Projeto Redic – Rede de Informação Comunitária, um convênio acadêmico interinstitucional entre a PUC/SP e o Instituto Arte no Dique, assinado em dezembro de 2014, sob a chancela de Extensão Comunitária, um dos marcos acadêmicos da universidade (Ensino, Pesquisa e Extensão).

Visto que o objetivo do projeto é permitir que os membros da comunidade adquiram autonomia jornalística para tratar dos problemas e das características da cultura local, gerando visibilidade e debates entre seus membros com o propósito de espelhar ações coletivas e solidárias, para, desta maneira, rearranjar os vínculos interpessoais entre os membros da comunidade e ajudar a construir um projeto de futuro social colaborativo cujo foco de interesse será o de transformar as atuais condições de infraestrutura da comunidade e retirá-la de seu status de vulnerabilidade social.

O objetivo geral da pesquisa docente do Prof. Dr. Milton Pelegrini tem como

escopo metodológico as abordagens conceituais propostas por Johan Galtung, sociólogo norueguês autor dos conceitos de “Comunicação para Paz” e “Mediação de Conflitos”, cujos aportes teóricos balizarão o Redic e o presente projeto de IC.

O surgimento desta comunidade se deu com a instalação de moradias irregulares a partir de 1960, em toda a crista e, posteriormente, em direção ao meio do rio dos Bugres, área de preservação ambiental da Mata Atlântica em estuário de manguezais. A situação é de extrema vulnerabilidade social, com a destruição da vegetação nativa e a inexistência de saneamento básico como abastecimento de água e rede de coleta do esgoto.

Se por um lado o Porto de Santos ganha destaque por ser o maior complexo portuário da América Latina, com a movimentação de 3,6 milhões de TEU (unidade equivalente a um contêiner de 20 pés) em 2018¹, por outro a condição de vulnerabilidade social da população residente do Dique da Vila Gilda é invisível pelo poder público e tem recebido pouca atenção dos meios informativos comerciais locais.

Uma cobertura jornalística sobre a comunidade evidencia a temática da preservação ambiental cria um universo simbólico de que, devido a ocupação desenfreada, os moradores sofrem com problemas pelos quais eles mesmos são responsáveis (por mais que o governo não dê opções). Dessa forma, os noticiários também podem contribuir para construção do imaginário social ou coletivo do Dique da Vila Gilda.

Numa reportagem produzida pelo jornal Diário do Litoral, datada de 4 de julho de 2015, intitulada “Raio-X DL: Do maior porto à maior favela em palafitas”², José Pereira (Zezinho), dono de um bar da região foi entrevistado. Morador do bairro desde 1974, ele ressaltou o preconceito que as pessoas de outras regiões têm com

1 Fonte: << <http://www.portodesantos.com.br/press-releases/destaque/movimento-de-cargas-no-porto-de-santos-em-2018-mantem-recorde-e-ja-ultrapassa-110-milhoes-de-toneladas/> >>. Acessado em fevereiro de 2019.

2 Fonte: << <https://www.diariodolitoral.com.br/cotidiano/raio-x-dl-do-maior-porto-a-maior-favela-em-palafitas/59952/> >>. Acessado em março de 2019.

o local. “Quando a gente fala que mora aqui o pessoal não olha muito bem. Tem muita gente que tem medo de vir aqui. Mas quando vem pela primeira vez, e é bem recebido, vê que aqui é um lugar bom. A maioria volta”, afirmou.

Entretanto, além dos fatores geográficos e políticos, pode-se atribuir como um elemento importante para a formação do imaginário da comunidade a existência do Arte no Dique, uma organização não-governamental instalada nas proximidades há 16 anos, que conta com o envolvimento dos moradores em suas atividades. Alguns projetos realizados ganharam dimensão nacional e internacional, além de parcerias com empresas privadas, órgãos públicos e universidades.

Para traçar esse estudo será necessário recorrer a teóricos que abordaram a questão do imaginário em suas obras, tal como Maurice Halbwachs e Dietmar Kamper.

A construção da memória coletiva conforme definida por Maurice Halbwachs³ faz parte dos objetivos específicos deste trabalho. Para o autor, “memória coletiva” ultrapassa o plano individual, considerando que as memórias individuais são parte de uma composição de imagens e de imaginários que não podem ser consideradas de modo isolado da comunidade onde elas foram geradas. Os grupamentos humanos imaginam e compõem o que deve ser lembrado ou esquecido.

Já para o conceito de “Imaginário” serão adotados os aportes do teórico alemão Dietmar Kamper⁴. Para ele, a constituição das imagens é parte dos processos de construção da cultura e isso configura um papel preponderante das imagens na constituição das memórias e nas projeções de cenários imaginativos para o homem.

Por conta de suas importantes contribuições neste campo, Kamper será

3 HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*, 1950. (Tradução: Beatriz Sidou). São Paulo: Centauro, 2006: p. 86.

4 KAMPER, Dietmar. *Imagem*. In: Centro Interdisciplinar de semiótica da cultura e da mídia. Este texto foi extraído do livro “Cosmo, Corpo, Cultura. Enciclopédia Antropológica. A cura di Christoph Wulf. Ed. Mondadori. Milano. Italia. 2002

fundamental para compreender a formação e constituição dos aspectos imaginativos de preservação de sentidos para a comunidade. Portanto, será possível compreender os imaginários criados e compartilhados entre os moradores do Dique da Vila Gilda, os grupos sociais e a imprensa.

REFERENCIAL TEÓRICO

O Imaginário Coletivo

Para compreender o conceito de “Imaginário Coletivo” é importante conhecer o significado da imagem para o filósofo Dietmar Kamper. Kamper descreve o poder da imagem como quase divino, uma vez que ela “desenha e contém a essência”⁵, dando a ilusão de que a imagem é a realidade. Para ele, esse é um procedimento paralisante, alienante. A apropriação do mundo pela imagem é um assassinato – que leva a morte da realidade.

Como um caçador, ela – a percepção visual – busca a paralisia para melhor atingir a presa. E os homens procuram esse mundo de mortos: quem ama as imagens dos corpos em vez dos próprios corpos cai no deserto gelado do mundo sem sentido e sem sentidos (KAMPER, 1995: 60).

Para Kamper, a fotografia mata a realidade que ela supostamente deveria representar. Um exemplo seria a cultura que nasce com o surgimento da fotografia: Onde antes dela, a sede de conhecer os lugares alimentados pela livre imaginação, hoje são contentados com imagens representativas e criam a ilusão de que já se conhece o lugar, mesmo nunca tendo realmente ido.

5 KAMPER, Dietmar. Imagem. In: Centro Interdisciplinar de semiótica da cultura e da mídia. Este texto foi extraído do livro “Cosmo, Corpo, Cultura. Enciclopedia Antropologica. A cura di Christoph Wulf. Ed. Mondadori. Milano. Italia. 2002.

A realidade produzida pelo homem faz com que o imaginário coletivo seja possível: Principalmente graças a mídia hegemônica, responsável por produção de imagens que destoam da realidade, paralisando, alienando e criando a ilusão de que aquilo é real.

Com o uso das imagens que representam e matam a realidade, se cria o chamado imaginário coletivo. Conceito que, para Kamper, é resultado dessa produção de imagens. Que cria uma concepção de uma realidade que não é aquilo que está sendo representada pela imagem. O mundo deixa de ser empírico e se torna uma criação imagética de mundo.

Essa concepção é absorvida até mesmo por aqueles que estão dentro da realidade representada pela paralisante imagem que os engana. O que ocorre com os moradores da Vila Gilda.

A imagem aprisiona a realidade, como na caverna de Platão, e atribui a ela um significado de “monstruosidade”. Há, em jogo, uma “ambiguidade do homem” - que não sabe distinguir o real da representação. Ou seja, os homens estão presos no mundo de imagens, dentro da “caverna” do imaginário.

Os homens hoje vivem no mundo. Não vivem nem na linguagem. Vivem na verdade nas imagens do mundo, de si próprios e dos outros homens que foram feitos, nas imagens do mundo, deles próprios e dos outros homens que foram feitos para eles. E vivem mais mal do que bem nessa imanência (permanência) imaginária. Morrem por isso. No ápice da produção de imagens existem maciços distúrbios. Existem distúrbios das imagens que tornam enormemente ambígua a vida das imagens e a morte pelas imagens (KAMPER, 1995: 7).

A imagem, portanto aprisiona o mundo real do homem. E as imagens produzidas pela mídia hegemônica fazem isso. Criam o que poderia ser descrito como uma “caverna” do imaginário. De acordo com Kamper, a única forma de lutar contra o imaginário é usando a imaginação.

Ambígua desde o começo, “imagem” significa, entre outras coisas, presença, representação e simulação de uma coisa ausente. Se se admitem diversas combinações históricas com diversas pronúncias, a situação oferece motivos suficientes para distinções mais precisas. “Presença” é a dimensão mágica, “representação” reúne forças da imitação, da capacidade de colocar as imagens como imagens, o inteiro arsenal dos disfarces engenhosos e “simulação” é um assunto da ilusão, incluída a autoilusão, que em contato com as leis de mercado e da abstração da troca tem atualmente sua conjectura favorável. A cooperação e o contraste entre presença, representação e simulação “constituem” ao mesmo tempo o objeto e o horizonte da reflexão, onde o objeto não tem em si nada de objetivo e o horizonte tem em si pouco de definido (KAMPER, 1995: 12-13).

Memória Coletiva

De acordo com o Historiador francês Pierre Nora, a Memória Coletiva é a memória carregada e compartilhada por um grupo de pessoas que dividem a mesma cultura, religião, etnia, etc. “A memória, ou o conjunto de memórias, mais ou menos conscientes de uma experiência vivida ou mitificada por uma comunidade, cuja identidade é parte integrante do sentimento do passado”⁶.

Na segunda metade do século XIX, Maurice Halbwachs cunhou esse conceito em seu livro “A Memória Coletiva” (1950). Segundo ele, a memória coletiva é construída, compartilhada, e passada para as gerações seguintes por meio da interação dos grupos sociais. Tal interação social é de extrema importância para a compreensão deste conceito, pois é por meio dela que se cria o pertencimento grupal, por meio do sentimento de afeto.

É assim que os acontecimentos vividos se tornam memória coletiva: Quando um indivíduo que se “lembra” sentir-se afetivamente ligado ao grupo social ao qual pertence.

O conceito de memória Coletiva, segundo o autor, não deve ser confundido

⁶ NORA, Pierre. In: Jacques Le Groff: A Nova História (trad: Henrique Mesquita). Paris: Retz, 1978, p. 398.

com a história. Para ele a história se inicia quando a memória coletiva acaba. Tal memória que só acaba quando o certo grupo social que á pertence não existe mais, ou, pelo menos, não se considera mais um grupo, assim não suportando mais essa memória coletiva. Quando um grupo desaparece, o único meio de salvar as lembranças coletivas destes grupos é fixando a história por escrito. É importante ter em mente que se esse grupo ainda existe, é inútil percorrer esse meio.

Enquanto uma lembrança subsiste, é inútil fixá-la por escrito, nem mesmo fixá-la, pura e simplesmente. Assim, a necessidade de escrever a história de um período, de uma sociedade, mesmo de uma pessoa desperta somente quando eles já estão muito distantes no passado, para que se tivesse a oportunidade de encontrar por muito tempo ainda em torno de si muitas testemunhas que dela conservem alguma lembrança. Quando a memória de uma sequência de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo, aquele mesmo em que esteve engajada ou que dela suportou as consequências que lhe assistiu ou dela recebeu um relato vivo dos primeiros atores e espectadores, quando ela se dispersa por entre alguns espíritos individuais, perdidos em novas sociedades para as quais esses fatos não interessam mais porque lhes são decididamente exteriores, então o único meio de salvar tais lembranças é fixá-las por escrito em uma narrativa e seguida uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem (HALBWACHS, 1950: 80).

A memória é história viva e vivida, e no tempo renova-se. Mas a memória se torna lembrança quando distante, e quando morta e fixada a uma narrativa se torna uma história.

Portanto a história não é memória pelo simples fato de que não há concordância na interpretação e experiências de quem lê aquela lembrança, e do grupo que a viveu no passado.

A história não é todo passado, e também não é tudo que resta do passado. Ou, por assim dizer, ao lado de uma história escrita há uma história viva, que se perpetua ou se renova através do tempo, na qual se pode encontrar novamente um grande número dessas correntes antigas que desapareceram apenas em aparência (HALBWACHS, 150: 86).

Para o autor, é importante que os historiadores não se prendam à perspectiva factualista da história, porque esses fatos são uma forma de compreender a história que acaba por criar uma ilusão da representação realidade do passado narrado.

É possível que no dia seguinte de um acontecimento que sacudiu, destruiu em parte, revogou a estrutura de uma sociedade, um outro período comece. Mas disso nos apercebermos somente mais tarde, quando uma nova sociedade realmente tiver tirado de si mesma novos recursos, e quando ela se propuser outros objetivos. Os historiadores não podem levar a sério estas linhas de separação e imaginar que foram remarcadas por aqueles que viveram durante os anos que elas atravessaram, como aquele personagem de comédia diz: ‘Hoje começou a Guerra dos Cem anos (HALBWACHS, 1950: 83).

Agora que os conceitos de história e a memória estão bem distinguidos, será possível compreender o conceito de memória coletiva e como ele atua na sociedade.

A memória coletiva e o espaço

Um aspecto importante para Maurice Halbwachs, em sua descrição sobre a Memória Coletiva é a noção de espaço. Os homens, ao longo da história, sempre estiveram se apropriando de certos espaços em que vivem e que conseqüentemente praticam suas diversas atividades e relações sociais.

Para Halbwachs, essa apropriação de espaço é possível quando os indivíduos que ali moram compartilham dos mesmos pensamentos e ações, e estas se vinculam as imagens exteriores.

A materialidade que cerca esse grupo pertence à cultura daquele espaço. Os objetos, para Halbwachs, desempenham um papel crucial para a vida dos grupos: São como uma “companhia silenciosa e imóvel”, que representa a relativa estabilidade dos grupos sociais. Os objetos conversam com os humanos. São imagens espaciais.

O grupo se fecha no contexto que construiu. A imagem do meio exterior e das relações estáveis que mantém com este passa ao primeiro plano da ideia que tem de si mesmo. Essa imagem penetra em todos os elementos e sua consciência, deixa mais lenta e regula sua evolução. Não é o indivíduo isolado, é o indivíduo enquanto membro do grupo, é o grupo em si que, dessa maneira, permanece sujeito à influência da natureza material e participa de seu equilíbrio (HALBWACHS, 1950: 159).

Assim é possível compreender como as imagens espaciais desempenham esse papel na memória coletiva. Porque os objetos são um reflexo do grupo, neles existem marcas do grupo à qual pertence.

Para Halbwachs, “Todas as ações do grupo podem ser traduzidas em termos espaciais”. Portanto, cada aspecto e detalhe do lugar só pode ser compreendido pelos indivíduos pertencentes ao grupo.

Um grupo que permanece em seu espaço social tem apego afetivo às materialidades que os cercam, e isso gera uma estabilidade desses grupos – guerras podem ocorrer, pessoas podem morrer, mas os objetos continuam ali. E as pessoas também. As ruas, prédios, casas, monumentos e praças se definem como espaços de relações sociais. E assim constroem sua imagem, identidade e valor afetivo.

CONTEXTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO

A cidade de Santos

No ano de 1531, o Brasil se torna a principal colônia a ser explorada economicamente por Portugal, por conta das crises nos negócios da coroa portuguesa no Oriente. Com isso, Santos é reconhecida como uma localização privilegiada para trocar mercadorias e as riquezas coloniais. É nesse contexto que emerge o Porto de Santos.

Santos foi elevado à categoria de cidade em 1839, em uma lei assinada pelo presidente da Assembleia da época, Venâncio José Lisboa. Por ter se tornado um local de economia próspera com as grandes embarcações, foi reconhecido como o porto mais importante da colônia, gerando uma sociedade próspera e dinâmica à época.

Na segunda metade do século XIX, com o ciclo do café, Santos entrou em um período de modernização. Com isso, há nesse período um intenso fluxo migratório para a cidade, com a chegada de muitos imigrantes italianos e japoneses.

Com sua modernização e falta de estrutura para o crescimento populacional, Santos começou a enfrentar sérios problemas de saneamento básico e pobreza. O porto ficou conhecido como “o porto da morte”, por causa dos surtos de febre amarela e outras epidemias causadas pela sujeira.

Hoje o Porto de Santos ainda é o maior do Brasil, e sua herança história se mantém com o grande número de migrações e de grande desigualdade sócio-espacial.

Vila Gilda

Localizada em Santos, o complexo de palafitas da Vila Gilda é a maior favela sobre as águas da América Latina. Sua população é de mais de seis mil famílias (20 mil habitantes, de acordo com o último censo feito pelo IBGE em 2010).

Começou a ser construída na década de 1960 sobre uma área de proteção ambiental: a margem do rio dos Bugres. Hoje, a área de ocupação da favela de palafitas se expandiu vertiginosamente, chegando até o município vizinho a Santos, São Vicente, e fechando o curso do rio.

Devido ao seu crescimento e às péssimas condições de infraestrutura a que estão submetidos seus moradores, a comunidade foi aos poucos ganhando visibilidade governamental e midiática.

Em uma entrevista ao Diário do Litoral⁷, um dos mais antigos moradores do local disse: “Nasci em Santos, no antigo [bairro] Matadouro. Quando cheguei aqui [na comunidade Vila Gilda] só tinha as casas da frente. Fui um dos primeiros a erguer a palafita. Antes de vir morar vinha para cá só para tomar conta das embarcações”.

Por meio desse depoimento, pode-se compreender a história da comunidade como intrinsecamente relacionada à história da cidade de Santos e seus descompassos socioeconômicos.

Um dos principais problemas da comunidade é a sua localização: o espaço sobre o qual a comunidade se localiza é uma Área de Preservação Ambiental (APA). Em áreas desse tipo, é vetada a ocupação populacional, e portanto a própria municipalidade não pode interferir com políticas públicas de infraestrutura básica. Portanto, agravam-se os problemas da favela, como a falta de saneamento básico, a estrutura perigosa das habitações, a falta de coleta de lixo, falta de transporte e demais serviços de infraestrutura. Além dessas questões, há uma crise ambiental, uma vez que a área deve (em tese) ser desocupada, por ser de importância ambiental.

Todos esses problemas políticos e sociais afastam os habitantes da Vila Gilda do convívio social. Eles apenas têm contato com o mundo exterior quando vão trabalhar, ou estudar. E assim acabam se tornando uma comunidade com seu próprio imaginário e memória coletiva, pois a interação social ali é restrita apenas ao grupo.

Arte no Dique

O “Arte no Dique” é uma organização não-governamental instalada nas proximidades das palafitas há 16 anos. Ela conta com o envolvimento dos

⁷ Fonte: << <https://www.diariodolitoral.com.br/cotidiano/raio-x-dl-do-maior-porto-a-maior-favela-em-palafitas/59952/> >>. Acessado em março de 2019.

moradores em suas atividades envolvidas no meio da arte, da cultura e do conhecimento em geral, que são reconhecidas internacionalmente. A organização conta com parcerias públicas e privadas.

Mas o “Arte no Dique” acaba sendo mais do que uma ONG para os moradores das palafitas, lá é um ambiente de resistência, de conversa e que conta com o compartilhamento das memórias coletivas que constituem a favela.

Então os jovens aprendem a resistir juntos. Muitas mulheres que têm sérias dificuldades em trabalhar, porque tem que cuidar dos filhos e da casa, conseguiram aprender coisas novas que ajudaram nas finanças das casas: Como bordar. O curso de bordar é oferecido para todos gratuitamente, como todos os outros cursos e oficinas do “Arte no Dique”.

Como Maurice Halbwachs defende: a memória coletiva não é possível sem afeto. A conversa, e o lugar de conversa que o “Arte no Dique” oferece para os moradores é essencial para o compartilhamento das memórias para que elas se tornem coletivas.

VILA GILDA E AS SUAS REPRESENTAÇÕES

Noções espaciais: “Dentro” vs. “Fora”

A noção de “Dentro” e “Fora” é atribuída à Maurice Halbwachs como a noção de espaço. Para ele a materialidade que cerca um espaço dominado por um grupo social, pertence a cultura deste grupo, ou seja, é a identidade do grupo.

Para o autor os objetos são “imóveis e silenciosos”, e isso causa a estabilidade dos grupos sociais. Como já foi mencionado no capítulo “Memória Coletiva e o Espaço”, as ruas, casas, e pessoas que têm suas rotinas se tornam esses objetos. Nas grandes cidades os objetos são estáveis e imóveis, a rotina é estável: se uma guerra acontece ou alguém morre, seu ônibus ainda passa na rua, o

lixeiro ainda vai buscar o seu lixo na segunda de manhã e sua casa ainda estará intacta. Porém, se os objetos forem instáveis, a instabilidade domina os grupos sociais que ali vivem.

Nas palafitas, com as enchentes, as casas desabam e percorrem o rio abaixo, as pessoas morrem nas enchentes e nas queimadas. E quando tudo isso acontece desestabiliza a rotina desse grupo social que vive nas palafitas. Os ônibus não fazem a mesma rota, as pessoas que sempre estão na rua se escondem em suas casas.

Ou seja, a diferença de estabilidade, de identidade e cultura entre o Dentro (As palafitas) e o Fora (as grandes cidades) ajuda na criação do imaginário coletivo.

Noções de representação: Realidade vs. Imagem

A representação da realidade é a imagem, e a dominação do homem nos meios de produção dessas imagens que cria o imaginário coletivo.

A vida, com todas suas conturbações e problemas é dividida sempre em grupos sociais que se juntam por afeto, afinidade, espaço e semelhança nas dificuldades como na divisão das classes sociais.

A realidade vivida e compartilhada entre certo grupo social gera a memória coletiva, que só é possível através do afeto e da conversa. Existem pessoas que moram no mesmo lugar, pertencem ao mesmo grupo social e não compartilham da mesma memória coletiva por falta de conversa.

A realidade pra essa pessoa isolada acaba sendo um pouco distorcida, porque ela não vive a memória coletiva daquele grupo quando algum morador é assassinado pela polícia ou morto por acidente na enchente. Ela sabe da história pela representação da realidade mostrada nos noticiários.

Essa representação é a produção de imagem, que não é a mesma coisa que a realidade em si. Portanto o choque é menor, mas o medo é maior, e a pessoa

acaba se isolando mais.

A questão é que a realidade é a vida de quem vive e compartilha por meio da interação social a memória coletiva do lugar, que por si só cria suas próprias imagens coletivas.

Mas a imagem é o fora, é a mídia. E é essa produção de imagens chega no dentro da Vila Gilda causando uma confusão de imaginários que se opõem. A realidade e a imagem constituem o imaginário das Palafitas porque lá se vive mas também se consome as imagens produzidas pelas mídias.

O fora da favela se concentra apenas nas imagens sobre o lugar, que veremos no próximo capítulo.

1. O “FORA” E A IMAGEM: REPRESENTAÇÕES DA MÍDIA HEGEMÔNICA

O conceito: Mídia hegemônica

Iniciado pelo ideal político Inglês do século XIX, a noção da comunicação foi muito discutida. A hierarquia dos poderes é enumerada em: 1º Legislativo, 2º Executivo, 3º Judiciário, de acordo com Montesquieu.

De acordo com o filósofo Benjamin Constant⁸ que surgiu o conceito de poder moderador. Hoje a mídia ocupa o lugar como o 4º poder. Provando que a influência da comunicação na sociedade é poderosa.

A mídia é a maior criadora de imagens que podemos vivenciar na história da humanidade. A partir de cada produção jornalística uma representação da realidade é criada, e quando consumida, seus efeitos são diversos, como a criação de: Preconceitos e de imaginários sobre determinados grupos sociais. Gerando a exclusão social, desigualdade social e espacial, etc.

A mídia faz seu papel de criar imagens sobre os grupos sociais e sobre o

⁸ ALBUQUERQUE, Afonso. As três faces do quarto poder, Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2009.

mundo exterior. A diferença entre mídia hegemônica e mídia contra-hegemônica é que a mídia hegemônica mantém as imagens caóticas e preconceituosas, enquanto a contra-hegemônica busca alternativas para corromper a atual função da mídia, e combater os imaginários criados dando voz à aqueles que não tem.

Abordagens da mídia hegemônica sobre a Vila Gilda

As questões principais da Vila Gilda são os temas “Lixo”, “Meio Ambiente” e “Políticas Públicas”. E são as principais porque dificultam a realidade da favela e da sua população que se encontra em um estado de vulnerabilidade social. Porém a mídia hegemônica se utiliza desses problemas para sua produção de imagens que criam uma noção sobre o grupo social que está sendo retratado ali.

Um exemplo é a reportagem do Jornal Record, feita pela jornalista Ana Paula Padrão para a série “[Vizinhos do Crime](#)”⁹. Em determinado momento da reportagem, a jornalista afirma:

A água densa do mangue misturada ao esgoto e ao lixo, é o que os moradores chamam de maré, todas as casas foram erguidas sobre essa imundície. Até o material usado para aterrar a margem do rio bugre é lixo. A consequência é a proliferação de ratos; A falta de informação faz com que os moradores sejam os maiores poluidores do lugar onde moram.

Nesta fala, a jornalista cria uma série de imagens sobre a favela e seus moradores. No início, quando ela fala que a água do mangue é “misturada ao esgoto e ao lixo” cria uma imagem de sujeira, e logo depois ela diz que os moradores chamam essa sujeira de “maré”: Como se eles negassem essa sujeira e não se importassem com ela.

Logo depois ela diz que as casas foram erguidas nessa “imundice” – utiliza-se

9 Fonte: << https://recordtv.r7.com/jornal-da-record/videos/conheca-as-casas-de-palafita-da-comunidade-da-vila-gilda-em-santos-sp-06102018?fbclid=IwAR2bBUHU0od8dJR6o_Ath-z_M3WPX6dOqqSzteOigK8NumAPv11Jhwx2fJg >>. Acessado em março de 2019.

um termo que agrega um sentido totalmente marginalizados. Uma imagem de sujeira causando repugnância pelo lugar e pelos moradores que moram ali. Ao final, a jornalista se refere aos moradores como “mal informados”, e que eles próprios poluem suas casas.

O problema é que a mídia hegemônica culpa os moradores por estarem em situação de vulnerabilidade social. Enquanto não apresenta os problemas de organização e ausência de políticas públicas, onde não se tem lixo e muito menos a coleta dele.

Em uma reportagem veiculada pelo programa Câmera Record, com o título “Palafitas: O pior lugar para se viver”¹⁰, afirma-se: “Sobre a água, em troncos ou pilares de madeira, o pior lugar para se viver: Aqui não existe esgoto, por isso todos os dejetos dos banheiros, das casas, caem diretamente na água.”

Aqui, assim como na outra reportagem, é possível identificar a semelhança: A mídia hegemônica sempre repete a mesma coisa sobre a sujeira e os moradores que ali moram. Além de que o título da reportagem já é uma criação de imaginário e de preconceito muito grande. O nome marginaliza totalmente o lugar dizendo que é o pior lugar para se viver, desmerecendo o fato de que as pessoas que estão ali não tiveram outra escolha. Além de tudo, o nome da reportagem é uma ofensa aos moradores.

Na mesma reportagem, o jornalista entrevista a família de Maristela Silva, moradora das palafitas, e ao longo da reportagem fala sobre a diversão das crianças, que não tem outro brinquedo senão um pedaço de porta que utilizam para remar no rio, “o único brinquedo das crianças”.

Desta maneira, dá a entender que as crianças que moram nas palafitas da Vila Gilda não tem brinquedos, e suas brincadeiras são perigosas. Como se fossem de outro mundo.

¹⁰ Fonte: << https://www.youtube.com/watch?v=Tpo8Qsr_-0U&t=310s >> Acessado em março de 2019.

Importante mencionar como a construção da própria imagem e enquadramento da câmera nas reportagens sobre a Vila Gilda apresentam o tempo todo, exaustivamente, a pobreza e sujeira do lugar.

Também outro ponto de enquadramento subjetivo e criador de imaginário é a edição. Em reportagens comuns, cotidianas, sempre é colocado o nome do entrevistado e sua ocupação (profissão, etc.). No caso da primeira reportagem mencionada da série Vizinhos do Crime, a profissão atribuída ao entrevistado João José da Silva é pescador, mas durante a entrevista dá a entender que João não pesca mais, e não faz nada além de caçar ratos com seus antigos equipamentos de pesca.

O mesmo acontece com as mulheres dali, que na maioria das vezes são questionadas sobre o assunto “família” e “filhos”. Sempre com uma atribuição de ocupação como “mãe” ou “dona de casa”, mas, com certeza, elas são muito mais do que isso. Como vamos saber quem são as mulheres da Vila Gilda se não nos mostrarem quem são?

A questão do lixo é sem dúvida a mais utilizada para se criar imaginários sobre e sob as palafitas da Vila Gilda. E a partir disso se criam imaginários como se os moradores fossem “sujos”, “doentes”, e “mal educados”.

A Violência é sempre abordada pela mídia hegemônica, cria-se um imaginário das palafitas de que são um lugar dominado pelo tráfico e pela violência.

No capítulo 2 da reportagem da série da Record, “Vizinhos do Crime”, a apresentação da favela pelos jornalistas da bancada: “Nas comunidades dominadas pelo tráfico de drogas, as crianças crescem convivendo com drogas e com armas, e os exemplos de sucesso baseados no trabalho são poucos. Resultado: Muitas dessas crianças se envolvem com o crime”.

A primeira fala é sempre a mais importante porque ela apresenta o assunto que será abordado, e assim já se cria as primeiras imagens que formaram os significados no final.

Nesta fala, a primeira impressão da favela é de que é algo dominado pelo tráfico, e que as crianças não tem bons exemplos, como se não houvessem trabalhadores morando ali.

A responsabilidade que a mídia tem em relação a esse assunto é preocupante, porque a realidade de quem vive lá não é construída deste modo. A fala representa a marginalização dos moradores, e a criação de significados que se constroem a partir desta frase são problemáticos.

Logo na frase de início da reportagem feita pela jornalista Ana Paula Padrão, ela já atribui significados às palafitas enquanto filma as pontes que ficam entre as casas de palafita, ela diz: “São caminhos estreitos que os moradores chamam de pontes, pontes que levam sempre para o mesmo lugar.”

Logo depois da fala já aparecem alguns adolescentes encapuzados, traficantes. Essa fala junto das imagens filmadas criam o significado de que quem mora ali tem sempre o mesmo futuro. A utilização do termo “sempre” generaliza, como se todos os moradores acabassem no mundo do crime.

2. O “DENTRO” E A REALIDADE: REPRESENTAÇÕES DA VILA GILDA

Abordagem sobre Vila Gilda

Como já foi mencionado no capítulo “Mídia hegemônica X Palafitas: Conflitos entre imaginários”, o imaginário produzido pela Mídia hegemônica é consumido dentro da Vila Gilda e constitui o universo de imagens sobre o lugar, até para quem já vive lá.

A Vila Gilda também é uma produtora de imaginários, que entram em conflito direto com os imaginários de fora – causando um conflito entre o “Dentro” e o “Fora”.

Para analisar o “Dentro”, é importante ter cuidado com o lugar de fala. Durante minha pesquisa encontrei uma página nas redes sociais de um morador das palafitas, ele usa este ambiente para ter e dar a voz aos moradores. Ali ele denuncia

as dificuldades dos moradores no transporte, na saúde, no lazer, etc.

Ele posta fotos do lugar, fotos das palafitas no meio do lixo. Mas diferente das produções da mídia hegemônica essas imagens não tem um significado pejorativo. Não causam repugnância nem aspecto de sujeira e doenças como nas reportagens que vimos no capítulo “Mídia hegemônica: Abordagem sobre a Vila Gilda”. Causa a impressão de dificuldade e trabalho pesado para manter as estruturas de uma vida nas palafitas. É a imagem de “dentro” para “fora”.



Imagem 01: Uma criança, moradora das palafitas da Vila Gilda, segurando uma boneca no corredor das palafitas, construídas pelos moradores. Foto publicada na página do Facebook “Vida Sobre Vigas”, em 8 de março de 2019. Fonte: << <https://web.facebook.com/vidassobrevigas/photos/a.271398380006675/563822637430913/?type=3&theater> >>. Acessado em maio de 2019.

Imagem 02: A situação da palafitas da Vila Gilda. Foto publicada na página do Facebook “Vida Sobre Vigas”, em 31 de maio de 2019. Fonte: << <https://web.facebook.com/vidassobrevigas/photos/a.271398380006675/607147306431779/?type=3&theater> >>. Acesso em maio de 2019.

As imagens combatem os imaginários que a mídia hegemônica cria, como na reportagem da série Câmera Record que apresentei no capítulo “Mídia hegemônica: Abordagem sobre a Vila Gilda”, que mostra como se as crianças não tivessem brinquedo para brincar. A imagem 1 prova que isso não é verdade. De “dentro” para “fora”.

A página, além de produzir esse conteúdo de resistência, também é um ambiente de troca de histórias e memórias. Nos comentários de algumas fotos, vemos os moradores e antigos moradores interagindo.

Esse ambiente virtual proporciona o olhar de quem está dentro das palafitas. O outro lado, o lado do afeto. As pessoas amam estar lá, estão com seu grupo social, sua família e amigos, apesar das grandes dificuldades encontradas é onde eles moram.

Radio Web Palafita

A Radio Web Palafita é uma rádio comunitária criada para amplificar a voz dos moradores das palafitas. Uma parceria entre a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) com o Instituto Arte no Dique.

O projeto da rádio faz parte de estudos acadêmicos da PUC-SP e do grupo de pesquisa “Mediações Telemáticas” (Mediatel), onde o projeto Redic “Rede de Informação Comunitária foi criado especialmente ao Dique da Vila Gilda.

Segundo sua descrição no site, a rádio web é:

Fruto de uma parceria interinstitucional entre a PUC-SP e o Instituto Arte no Dique, o projeto Redic pretende transformar a Rádio Palafita em um veículo de informação com base em informações que contribuam para uma Comunicação do tipo Humanitária com base em produção de Jornalismo para a Paz e Mediação de Conflitos. Esperamos contribuir na melhoria cotidiana da formação de jovens moradores da comunidade, bem como ampliar o acesso ao conhecimento científico com foco no pensamento crítico da realidade tendo como foco uma Cultura de Paz.

O foco da rádio é respeitar o lugar de fala dos moradores, dar voz a eles. O intuito é combater com tudo que a mídia hegemônica faz, e mostrar a realidade das palafitas ao mundo: Um lugar digno de moradia.

O Imaginário criado

Como foi comentado, e será aprofundado ao longo dos capítulos desta pesquisa, há um conflito entre os imaginários de “Dentro” e “Fora”.

Retomando o significado do conceito de Imaginário Coletivo: Com o uso das imagens que representam e matam a realidade, se cria o chamado imaginário coletivo. Conceito que para Dietmar Kamper é resultado dessa produção de imagens. Que cria uma concepção de uma realidade que não é aquilo que está sendo representada pela imagem. O mundo deixa de ser empírico e se torna uma criação imagética de mundo.

Entrevistei Fabiano do Nascimento, 42 anos, morador há 8 anos do Dique da Vila Gilda, trabalha em uma empresa portuária em Cubatão há mais de 12 anos. Para Fabiano o lixo é algo que o ser humano descarta, porque não sabe lidar com ele: “O lixo é o que o ser humano acaba produzindo, é o resíduo que ele acaba deixando. Somos o único ser que produz o próprio lixo e não sabe lidar.”

Para ele, há uma dificuldade natural em lidar com o lixo, pela falta de conscientização dos moradores e de organização do estado: “Porque não tem coleta de lixo aqui? Será que as pessoas estão buscando os seus direitos? Se não tem coleta, as pessoas jogam o lixo em qualquer lugar.” Nesta fala, Fabiano mostra um elemento de resistência, um ponto de vista que só quem vive isso sabe realmente como é, e o que acontece.

Quando perguntado ao Fabiano se as pessoas conversam entre si e com o

poder público sobre a questão da falta de saneamento básico e esgoto, ele respondeu: “Existe a consciência da necessidade do direito do saneamento básico, mas às vezes as pessoas nem sabem o que é o saneamento básico. A situação das ocupações ‘irregulares’ acontece por que elas invadiram, mas o poder público sabe que existem pessoas residindo ali.”

Nesta fala, Fabiano combate o imaginário criado pela mídia hegemônica de que os moradores são os culpados pelo lixo e pela falta de saneamento básico com o argumento de terem “invadido” a terra. Ele entende seus direitos, e entende que é um dever do estado dar moradia digna a todos.

O depoimento de Fabiano prova que a resistência vive nas palafitas. Mas como surgiu essa consciência? Através do afeto, da conversa e do compartilhamento da memória coletiva.

A massificação de significados e imagens produzidas pela mídia hegemônica entra em conflito com a realidade que está sendo representada por essas imagens. Os temas locais como “Lixo”, “Violência”, e “Políticas Públicas” são sempre os mais abordados pela mídia hegemônica.

Iniciando a pesquisa envolta do tema “Lixo”: de acordo com a entrevista que fizemos com um dos moradores jovens chamado Carlos André Conceição, 35 anos, estudante de história na USP e servidor público municipal. Carlos pertence à segunda geração de moradores das Palafitas e mantém contato contínuo com a internet e as imagens exteriores, aquelas formadas pela mídia hegemônica, e diz:

Quando perguntado a Carlos sobre o lixo, ele diz: “Lixo é o que não tem mais utilidade, mas eu acho que a grande maioria do lixo é o que pode ser reaproveitado, ele está ocupando espaço e poderia ter alguma outra utilidade”. Aqui Carlos combate o imaginário da mídia hegemônica quando diz que os moradores da Vila Gilda são “mal informados” e por isso poluem suas próprias casas, como foi apresentado no capítulo “Mídia hegemônica: Abordagem sobre a Vila Gilda”.

Carlos, e Fabiano são os jovens que provam sobre a consciência de direitos,

de educação ambiental que existe nas palafitas.

A relação entre lixo e meio ambiente, para Carlos: “Como já diz o ditado ‘nada se cria, tudo se transforma’. Se você tem algo que não tem utilidade e você não dá uma destinação correta para isso, ele lota um espaço que não deveria.” Aqui Carlos continua lutando contra o imaginário exterior, provando noção de seus direitos e noção de que quando não há uma destinação para o seu lixo, ele ocupa o lugar indevido. Essa é a realidade da situação da Vila Gilda.

Mas Carlos, ao mesmo tempo, comprova que o conflito entre imaginário e realidade de “Dentro” e “Fora” é real:

“Aqui perto temos o rio São Jorge que está cheio de lixo, o pessoal limpa, e passa dois meses e tem lixo de novo. Será que não tem um local adequado pras pessoas destinarem esse lixo? É falta de educação ambiental. Educação em Geral. Lixo eletrônico tem lugar para destinar e as pessoas não levam. Lixo reciclado, as pessoas não fazem o maior esforço para reciclar.”

Essa frase esclarece a questão do imaginário que permeia as palafitas: Ele se utiliza de um discurso produzido pela mídia hegemônica no momento em que diz que as pessoas da comunidade não tem Educação Ambiental. Nesta fala de Carlos ele contraria suas falas anteriores, cobrando essa população de algo que não é culpa dela, mas como é área de preservação ambiental, o estado não faz seu dever de fornecer lixeiras e coletar o lixo.

No documentário “Arte no Dique”¹¹, produzido pela Tehuá Filmes em abril de 2016, a moradora Maria do PT é entrevistada, ela é uma líder comunitária que lutou pelo seu pedaço de terra na Vila Gilda, e fala sobre o que os moradores querem: “O pessoal daqui quer ser tratado como ser humano, quer ter oportunidades, e por morar aqui muitas vezes isso não acontece.”

A fala de Maria do PT representa os moradores, e combate com os imaginários criados pela mídia hegemônica como se ali fosse um lugar dominado

11 [Fonte: Documentário “Arte no Dique” >> https://www.youtube.com/watch?v=-4EYiKwU7CE&t=734s <<](https://www.youtube.com/watch?v=-4EYiKwU7CE&t=734s)
Acessado em junho de 2019.

pelo tráfico, e que todos ali acabam indo para o mesmo lugar: O crime. Maria do PT defende os moradores e prova que eles têm sonhos, querem estudar e trabalhar.

Jorge dos Santos, um jovem da terceira geração da Vila Gilda, é aluno do Arte No Dique e hoje faz parte do grupo de percussão. Seu imaginário sobre a Vila Gilda é simples: “Aqui é um lugar legal de morar, tem pessoas legais, apesar dessa situação dos barracos... mas as pessoas são boas”. Jorge gosta de morar ali, mas não pela condição de vida, e sim pelas pessoas. Os moradores sabem que ali não é o que a mídia diz que é.

No mesmo documentário, José Virgílio, diretor do Instituto Arte no Dique, que convive com os moradores há mais de 16 anos desde a fundação do Instituto, diz sobre a Vila Gilda:

“As pessoas são direitas, que trabalham, acordam cedo, querem que seus filhos tenham uma formação, querem colocar seu filho na escola mas tem que ir a luta. Essa questão de querer criminalizar aqui, rotular aqui como ‘aqui é a boca’, aqui não é a boca, a boca tá ali no Leblon”.

Mídia hegemônica vs. Palafitas: conflitos entre imaginários

Assim como em qualquer outro grupo social, essas imagens são absorvidas. Mas como elas dizem respeito, muitas vezes a essa própria população que em sua maioria são negros e periféricos, se absorve muitas vezes a ideia de que são o que dizem que eles são.

A Mídia Hegemônica passa a ideia de que essa população que vive nas palafitas é “miserável”, “suja”, e “porca”, e coloca eles em um grupo de pessoas marginalizadas. Como se as pessoas vivem ali porque querem, e não porque não tem oportunidades.

A cobrança que a mídia hegemônica causa dessa comunidade em relação à crise ambiental é de extrema irresponsabilidade. A culpa não é dos moradores – Mas agora todos acreditam que é.

Com as grandes questões que cercam as palafitas como: “Políticas Públicas”, “Lixo”, “Cultura” e “Educação”, será estabelecida a análise do imaginário coletivo.

Assim como foi explicado ao longo desta pesquisa, o Imaginário Coletivo só é possível em um grupo quando existe um sentimento de afeto entre eles – e isso tem de sobra nas palafitas da maré.

Ao longo da pesquisa de campo, foi estabelecido reuniões e entrevistas com os moradores e para compreender uma outra realidade. Foi possível perceber o afeto que existe com o local, os moradores, o rio dos Bugres que por ali corre, as palafitas em que vivem, e os pequenos detalhes que se pode reparar: Como a própria estrutura das ruas, as pequenas pontes construídas por eles próprios com os objetos ali despejados por outros.

Todos esses detalhes representam o que os moradores das palafitas da Vila Gilda são. Cada objeto/matéria representa a cultura, um hábito, uma memória que sobrevive nas mentes daquela região/grupo.

Carlos André Conceição, 35 anos, estudante de história na USP e servidor público municipal. Assim como foi mencionado no capítulo anterior, Carlos, pertence à segunda geração de moradores das Palafitas e mantém contato contínuo com a internet e as imagens exteriores, aquelas formadas pela mídia hegemônica.

Aqui perto temos o rio São Jorge que está cheio de lixo, o pessoal limpa, e passa dois meses e tem lixo de novo. Será que não tem um local adequado pras pessoas destinarem esse lixo? É falta de educação ambiental. Educação em Geral. Lixo eletrônico tem lugar para destinar e as pessoas não levam. Lixo reciclado, as pessoas não fazem o maior esforço para reciclar.

Essa frase esclarece a questão do imaginário que permeia as palafitas: Ele se utiliza de um discurso que não é dele no momento em que diz que as pessoas da comunidade não tem educação ambiental, ele cobra essa população de algo que não é culpa dela, mas como é área de preservação ambiental, o estado não faz seu

dever de fornecer lixeiras e coletar o lixo.

Portanto, como cobrar de um grupo excluído socialmente educação ambiental se o estado não fornece o básico para que eles possam vir a ter essa educação? É quase impossível que um grupo de 20 mil habitantes se organize e consiga tratar dos problemas ambientais e higiênicos sem ajuda do estado. Mas essa lógica é alimentada pela mídia hegemônica para que assim o estado seja liberto de culpa, mas que alguém seja culpado.

Com isso, é possível compreender que as imagens produzidas pela mídia hegemônica afetam o Imaginário Coletivo dos moradores da palafita, que se utilizam de discursos que não se enquadram na situação vivenciada ali.

Mas ao mesmo tempo, Carlos salienta um ponto importante que notou enquanto lia uma matéria jornalística do jornal da Tribuna:

Tinha uma matéria falando da Discrepância dos números saneamento nas regiões de Santos, Guarujá, São Vicente e Praia Grande. E eles apresentam números que eu contesto. Apontam que apenas 1% das moradias em Santos não tem coleta de esgoto. Ai eu me pergunto: Quantas famílias moram aqui nas palafitas? Elas são apenas 1%? Elas têm esgoto? Não.

Esse ponto mostra como existe uma guerra entre o imaginário de quem vive ali, e de quem consome o imaginário criado pela mídia hegemônica. Carlos notou, assim como outros moradores dali, que eles são muitos, e são invisibilizados.

O lixo, esgoto e falta de saneamento se tornou parte do imaginário e da memória coletiva das palafitas. Assim como Maurice Halbwachs disse que o objeto conduz uma estabilidade para uma certa região. O lixo faz o efeito reverso: O lixo não é imóvel como Maurice dizia, ele é móvel.

O lixo se move pelas ondas da maré, pelos rios e quando chove vai parar em outro lugar, ou nunca mais é visto. Assim como as pessoas. Que estão sempre invisíveis, com uma expectativa de vida baixa, morrem de doenças ou são mortas pelas armas dos outros homens.

Portanto, quando Halbwachs diz que a imobilidade dos objetos causa “a relativa estabilidade dos grupos sociais”, então a mobilidade de certos “não objetos” se torna algo caótico para a realidade dos grupos sociais. Como o lixo, que produz esse efeito nas palafitas.

Então as pessoas não se sentem seguras ali, porque se os objetos e não objetos se vão o tempo todo em enchentes, chuvas, e fogo nas palafitas, como os moradores vão sentir a estabilidade que Maurice explica existir nos bairros e grupos? Não sentem. Mas é assim que eles aprenderam a viver, e é assim que construíram sua própria Memória Coletivo que está em constante guerra contra o conjunto de representações abastecidas pela mídia hegemônica sobre a favela.

ANEXOS

Relatório sobre as coletas de dados realizadas por pesquisas de campo e por pesquisa de publicações da imprensa hegemônica

- Visitamos as Palafitas da Vila Gilda, conhecemos alguns moradores, e com isso foi possível ter contato com essa realidade para uma melhor compreensão da situação em que iríamos trabalhar.
- Visitamos o Instituto Arte no Dique, conhecemos o trabalho e sua importância para a comunidade da Vila Gilda. Como atividades musicais, orquestras, etc.
- Participamos da criação de conteúdo da rádio comunitária das Palafitas, que tem contato direto com nossa pesquisa.
- Entrevistamos um dos fundadores do Instituto Arte no Dique, Zé Virgílio, fazendo a ele diversas perguntas sobre a história da construção do Instituto e até mesmo histórias que ele vivenciou lá dentro, tendo contato com os moradores. Durante a entrevista foi possível crescer muito em relação à pesquisa e a compreensão dos problemas e qualidades das Palafitas da Vila Gilda.

- Entrevistamos alguns moradores da Vila Gilda no dia 26 de Abril, as entrevistas foram muito utilizadas para a minha pesquisa e para analisar os imaginários.
- Acompanhei a produção de conteúdo tendencioso da mídia hegemônica em relação à comunidade Vila Gilda, foi possível entender a situação ali existente. O imaginário coletivo criado, e absorvido dentro e fora da comunidade. Como aconteceu em uma reportagem da Record de 2018, onde a imagem e imaginário que passou da comunidade foram mais um meio de marginalizar os moradores e a situação em que vivem: Como se viver em meio a um rio poluído e lixo, fosse uma opção deles, e não tentar mostrar como e porque a situação de poluição ali é precária. Uma resposta que podemos encontrar para isso é a falta de recursos que o estado oferece para esses moradores de periferia, como não recolherem o lixo.

CONCLUSÃO

Ao fim desta pesquisa, é importante salientar os pontos produtivos e as dificuldades, além de concluir a evolução da pesquisa e que o que me acrescentou como pesquisadora científica.

Os pontos positivos foram muitos, tanto na parte pessoal de uma formação profissional minha quanto da própria pesquisa. Aprendi a trabalhar em equipe, e além de tudo, a lidar com as mais diversas diferenças. Na pesquisa a evolução foi grande, tanto por parte das leituras efetuadas, quanto pelas pesquisas de campo e contato com os moradores.

As dificuldades não foram muitas, mas a dificuldade em perceber os problemas sociais existentes nas Palafitas da Vila Gilda e o real “porque” deles foi complicado, mas com ajuda das leituras, pude compreender melhor a realidade paralela e ter uma visão mais crítica sobre o assunto.

Pode-se concluir que esse um ano trabalhando nesta pesquisa, me forneceu crescimentos não só acadêmicos e profissionais, mas também pessoais.

As questões e as problemáticas que envolvem as Palafitas de Santos precisam de estudo e proteção. Esse estudo me proporcionou uma visão crítica nunca antes alcançada em relação aos meios de comunicação hegemônica. E as leituras sobre o Imaginário e Memória Coletiva que influenciaram nesse processo evolutivo.

Assim, foi possível compreender o que é o Imaginário Coletivo, sobre quem ele atua, por qual motivo, e quais os meios em que ele é produzido. E a mídia hegemônica é o meio mais comum e que tem mais influência sobre todas as realidades, e que assim, forma uma memória/imagem/imaginação coletiva sobre algo, alguém ou melhor, sobre outra realidade.

BIBLIOGRAFIA

- ARENDDT, Hannah, “**A condição humana**”, 1958.
- BACZKO, Bronislaw. **Imaginação social**. Einaudi, Lisboa, Anthropos-Homem, n. 5,1986.
- BAITELLO JÚNIOR, Norval. **A era da iconofagia: reflexões sobre a imagem, comunicação, mídia e cultura**. São Paulo: Paulus, 2014.
- BAUDRILLARD, Jean. **Tela total-mito-ironias da era do virtual e da imagem**. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BUBER, Martin. **Sobre Comunidade**. Tradução: Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Perspectiva,1987.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix/Edusp,1988.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart, “**Identidade Cultural na Pós-modernidade**”, 1992
- JUNIOR, Antonio Fernando Cordeiro Guedes, **Entre o Tempo e o espaço: Cidade e Memória Social**; ANPUH, São Paulo, 2011.
- KAMPER, Dietmar. **Imagem**. 2017.
- LA BOÉTIE, Étienne, “**O discurso da servidão voluntária**”, 1577.
- LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. Campinas, SP: Papyrus,1989.
- MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- MORIN, Edgar. **O cinema e o homem imaginário; ensaio de antropologia**. Lisboa, Portugal: Relógio D’Água/Grande Plano, 1997.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. In: Projeto História. São Paulo, 1993.

RIBEIRO, Darcy, “O povo brasileiro”, 1995.

SILVA, Juremir Machado. **A questão da técnica jornalística: cultura e imaginário**. Revista Famecos: **mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, n. 39, p. 13-18, ago. 2009.

TESES ACADÊMICAS

ALBUQUERQUE, Afonso. As três faces do quarto poder, Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2009.

As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral. Rio de Janeiro: Difel, 1998.

KAMPER, Dietmar. Imagem. In: Centro Interdisciplinar de semiótica da cultura e da mídia. Este texto foi extraído do livro “Cosmo, Corpo, Cultura.

Enciclopedia Antropologica. A cura di Christoph Wulf. Ed. Mondadori. Milano. Italia. 2002.

O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. São Paulo: M. Fontes, 1997.

WEBIOGRAFIA

DIÁRIO DO LITORAL. Raio-X DL: Do maior porto à maior favela em palafitas.

Disponível em: << <<http://www.diariodolitoral.com.br/cotidiano/raio-x-dl-do-maior-porto-a-maior-favela-em-palafitas/59952/>> >> Acessado em 01 de abril de 2019.

<https://recordtv.r7.com/jornal-da-record/videos/conheca-as-casas-de-palafita-da-comunidade-da-vila-gilda-em-santos-sp-06102018?>

<https://doi.org/10.23925/2318-5023.2021.n5.e55540>

NHENGATU: revista ibero-americana para comunicação e cultura contra-hegemônicas Vol 1 ISSN: 2318-5023

[fbclid=IwAR2bBUHU0od8dJR6o_Ath-](#)

[z_M3WPX6dOqqSzteOigK8NumAPvl1Jhwx2fJg](#) ; Acessado em março de 2019.

Reportagem da série Vizinhos do Crime, Câmera Record >>

https://www.youtube.com/watch?v=Tpo8Qsr_-0U&t=310s << Acessado em março de 2019.

Site do Arte no Dique; <http://www.santos.sp.gov.br/?q=portal/instituto-arte-no-dique> ;
Acesso em 22/06/2019.

SITE PREFEITURA DE SANTOS: <http://www.santos.sp.gov.br/?q=hotsite/conheca-santos> ; Acesso em 25 de abril de 2019.